

JORNAL DE BRASÍLIA
13 • Segunda-feira, 18/11/96

JORNAL DE BRASÍLIA

TRIBUNA DA CIDADE

18 NOV 1996

DF-

Ceilândia pede mais segurança

O anúncio da construção de uma nova delegacia policial na Ceilândia é uma decisão tímida e que atende apenas em parte as necessidades dos moradores. Primeiro, porque não é um fato; é apenas mais uma promessa de tantas outras feita desde o ano passado e que não passaram de um cheque sem fundo que o GDF passou para a população. O próprio governo admite que não cumpriu nem um terço do tão palado orçamento participativo.

Em um segundo aspecto, a segurança que toda a comunidade espera é aquela feita pelas rondas policiais, pela vigilância das ruas e quadras, pela certeza de que a ação de marginais estará sendo coibida por um efetivo que realmente atenda as emergências da satélite. Mesmo concluída e funcionando, a DP não garantirá, isoladamente, um dia-a-dia tranquilo para a comunidade. É preciso alertar a população que a delegacia não fortalece o trabalho preventivo, de responsabilidade da PM.

Para a população cada vez mais assustada com a onda crescente de violência dos últimos dois anos, a simples promessa de um novo posto policial é uma frustração. Enquanto se cobra uma ação imediata, o governo faz ecenação, assina papéis e pede que o morador, mais uma vez, espere e tenha paciência. A Secretaria de Segurança Pública sabe que o morador de Ceilândia quer, já, algo concreto. Uma estrutura que garanta uma vida digna e sem



*"É preciso
dotar a cidade
de um sistema
preventivo como
o implantado
pela PM no
Plano Piloto"*

medo próximo da casa, no caminho da escola ou no retorno das compras. A verdade é que as reivindicações das comunidades mais distantes do poder, os pedidos dos moradores mais simples, parecem não ter muito significado para a atual gestão. A nova delegacia, que permitirá ampliar a capacidade investigativa da Polícia Civil, já deveria estar funcionando. Chegamos à metade de um governo que não tratou a questão da segurança na satélite como prioridade.

É preciso dotar a Ceilândia de um sistema preventivo como o implantado no Plano Piloto. A simples presença de duplas de policiais, sistema adotado com eficiência na gestão Joaquim Roriz, inibe a presença e circulação de delinquentes e ainda garante serviços como organizar a travessia de pedestres e impedir exageros no trânsito. O trabalho é louvável, mas é preciso que se defina uma diretriz no campo real.

A Ceilândia, com uma população até maior, continua a conviver com uma série de ocorrências que o Poder Público já poderia ter evitado ou diminuído. Se houvesse vontade política do Palácio do Buriti o mesmo esquema de segurança das áreas nobres, bem executado pela Polícia Militar, poderia estar beneficiando também as cidades-satélites.

A verdade é que todas essas tarefas são de responsabilidade de um governo que não sabe definir prioridades. A questão de Ceilândia é urgente, é emergencial. O GDF prefere manter o caos na satélite a ter que diminuir as regalias de segurança das áreas consideradas mais valorizadas. Esta também é uma reivindicação justa, mas é preciso ter coerência e perceber que uma única cidade, exatamente a capital da República, não pode conviver com situações tão distintas nas diversas comunidades que a compõem.

A Ceilândia, maior cidade do DF, merece respeito.

Benício Tavares é deputado distrital pelo PMDB

■ A coluna Tribuna da Cidade sai às segundas, quartas e sextas-feiras e está aberta a todos os segmentos da sociedade.